

CARVALHO, Ana C. Moraes. **Transformação borboletária – o despertar do voo de uma escritora-borboleta**. Belém: Universidade Federal do Pará/PPGARTES. Doutoranda em Artes; Orientadora Giselle Guilhon. Atriz.

RESUMO

Escrevo sobre uma tese que se *transforma* nas asas sagradas de Yansã, sob a imagem poética bachelardiana de casulos, pupas, vulvas, vaginas e *vulgaborboleta*. Na perspectiva epistemológica da Etnocenologia assento minha metodologia de pesquisa, em andamento, sobre uma Mãe de Santo travesti/*trans*, em processo de autorreconhecimento enquanto mulher *transfeminina*, Mãe Rosa Luyara. Relações imaginais repercutem a imagem craquelada da escritora-borboleta nas *encruzilhadas-desviantes* que encontra no Terreiro de Umbanda de Dona Rosinha Malandra em Icoaraci/PA, traçando correlações teóricas sobre alquimias rituais do *aqui e agora*, pensamento politizado de Rosinha Malandra. A *transformação borboletária* corrobora para o desenvolvimento de uma nova pesquisadora: *atriz-pesquisadora-bacante*, *transformação* necessária para a compreensão de uma visão libertária de conhecimento. A escritora-borboleta desperta com certa aflição dentro de um casulo, morno e estranho diante do alicerce que pisava. Olha pela fresta, desconfiada de que algo está lhe acontecendo, um misto transitório de estranhamento e pertencimento. E pela fresta vê uma mulher estonteante, sensual, imoral, vestida com uma rosa vermelha no cabelo, que sorri para ela, como num convite. Essa mulher canta, canta um canto ancestral que ecoa profundamente nas paredes de seu casulo. É ela, a malandra – Rosinha Malandra.

Palavras-chave: Transformação borboletária. Dona Rosinha Malandra. Vulgaborboleta. Encruzilhadas-desviantes.

Butterfly transformation - the awakening of a butterfly writer's flight

ABSTRACT

I am writing about a thesis that transforms into the sacred wings of Yansã, under the poetic image of bachelardiana of cocoons, pupae, vulvas, vaginas and the vulgar butterfly. In the epistemological perspective of the ethnocenology seat my methodology of research in progress talks about a Mother of Santo travesti / trans, in a process of selfrecognition as trans female woman: Mother Rosa Luyara. Imaginary relations echo the cracked image of the butterfly writer at the crossroads-deviants she encounters in Terreiro de Umbanda by Dona Rosinha Malandra (in Icoaraci, Pará), detailing theoretical correlations about ritual alchemy of the here and now, which is a politicized thought of Rosinha Malandra. The butterfly transformation corroborates the development of a new

researcher: actress-researcher-bacante, a transformation necessary to understand a libertarian view of knowledge. The butterfly writer awakens with slight distress within a cocoon, a warm and strange space before the footing. She looks through the gap and is suspicious that something is happening to her, a transient mix of estrangement and belonging. And through the gap he sees a stunning, sensual, immoral woman, dressed in a red rose in her hair, who smiles at her as if it were an invitation. This woman sings, she sings an ancestral chant that echoes deep into the walls of her cocoon. It's her: the malandra – Rosinha Malandra.

Keywords: Butterfly transformation. Dona Rosinha Malandra. Vulgar butterfly. Crossroads-deviants.

1 O Recolhimento pupário

“Morro e nasço a cada linha que escrevo,
morro e nasço a cada ritual que vivo”
Fagundes

Peço licença para minha mãe Oyá para escrever estas linhas que cruzam diretamente por seus ventos. Assim como os versos da canção – “eu sou a menina de Oyá”¹, sinto-me igualmente cativada por ela e gosto de admitir que sou a menina de Oyá também, meu terceiro orixá de cabeça. Abro essas linhas pedindo permissão para Yansã, outro nome dado à orixá dos ventos e das tempestades, porque falarei especialmente de *transformação* e dos ventos encruzilhados com essa orixá. Por ela gira o desejo contemplado por minhas linhas, por ela nasce da transformação uma *escritora-borboleta* sempre em processo.

Quando pesquisava sobre a Iniciação das Yaôs no Candomblé-Ketu² no Mestrado em Artes pela Universidade Federal do Pará/PPGARTES, tudo era muito obscuro na minha incompreensão. Estudava sobre pinturas corporais e fui para esta pesquisa em função do Efun, pintura sagrada das Yaôs na

¹ Samba enredo da Mangueira do ano de 2016, escola de samba do Rio de Janeiro, que homenageou Maria Bethânia, cantora brasileira e filha de Oyá. “Quem me chamou? Mangueira/ Chegou a hora, não dá mais pra segurar/ Quem me chamou? chamou pra sambar/ Não mexe comigo, eu sou a menina de Oyá”. Composição - Alemão do Cavaco, Almyr, Cadu, Lacyr D'Mangueira, Paulinho Bandolim e Renan Brandão.

² Pesquisa realizada, de 2012 a 2014, no Terreiro de Candomblé, Yle Ase Oba OkutaAyraYntyle, comandado por Pai Luciano, Abaytan, em Benevides/Pa. Intitulada de Odôlyá: da Espetacularidade do Yle Ase Oba OkutaAyraYntyle ao Corpo-Cena.

Feitura de Santo, como também é chamada a Iniciação. Neste período me relatei profundamente com a Etnocenologia, base epistemológica que fundamenta meus pensamentos, minha formação enquanto pesquisadora e esta metodologia de pesquisa. Os estudos sobre pinturas corporais passaram a fazer parte de uma dimensão maior na pesquisa, pois já estava embriagada dionisiacamente da noção de Ritos Espetaculares da Etnocenologia.

A obscuridade que vivia quando pesquisava sobre o Candomblé, só pôde ser compreendida na pesquisa, em andamento, do Doutorado em Artes, também pela Universidade Federal do Pará/PPGARTES, dentro da Umbanda. Atualmente, pesquiso a espetacularidade do corpo que chamo de *corpo-cavalo-travestido*, de Dona Rosinha Malandra, entidade da Linha de Esquerda³ da Umbanda. Mas, foi inicialmente no Candomblé que vivenciei minha primeira pupa, período transitório da transformação borboletária, entre o estar da larva e da borboleta adulta. Para a borboleta, a pupa é um período de observância, misteriosa inércia, mas para mim, em minha perspectiva, período de muita turbulência, transtorno, inquietude e morte. Na pupa da transformação borboletária, a larva está em seu casulo, quietinha, maturando, já para *aescritora-borboleta* a pupa é puro delírio, desconforto, desequilíbrio, mudança, quebras, desconstruções.

Foi assim em minha primeira pupa, tudo o que havia construído durante anos de catolicismo estava sob julgamento, sob pressão. A constatação era clara: quantas mentiras vivi? Quantas experiências me foram negadas? E a melhor de todas, a de que havia mundos maravilhosos para além do meu. A morte foi processual e doce porque abria novas frestas em meu casulo, estava me libertando. Assim, pela arte, nascia meu primeiro casulo, bem como minha primeira transformação:

³Na Umbanda, as entidades estão organizadas em duas linhas principais: a Direita, onde estão os Caboclos, Caboclos de Pena, Erês, Pretos Velhos, e a Esquerda, onde estão os Exus, Pombagiras, Malandros, Ciganos.

Fotografia 1: *Flor de Efun*, primeiro casulo em minha transformação pupária.



Fonte: Rafael Cabral.

O casulo é uma casa, o terreiro é a casa, o Candomblé, a Umbanda. Estes são casas que abrigam seus *corpos-comunidade*, noção sobre corpo coletivo que desenvolvi ainda no curso de Especialização em Estudos Contemporâneos do Corpo – ICA/UFPA⁴, e que adensei na vivência com o Candomblé. O *corpo-comunidade*, vive essa casa, por ela regula sua vida e sua história, dedicação de diversos corpos que se doam, de corpos sociais que se mostram. No casulo acontece o repouso, “[...] é preciso amar o repouso. Um grande repouso da alma é o benefício de tais devaneios” (BACHELARD, 1988, p. 188). É pelo repouso pupário que consigo a reflexão necessária na pesquisa sobre os corpos, em lugares supostamente alheios a mim, que me atingem até a morte que me transforma. O corpo aqui é pensado *como* pesquisa, em processos observados pela fresta do casulo, por isso a *escritora-borboleta* anseia pela saída do casulo para que novas mortes sejam possíveis.

⁴ Monografia intitulada "Entre o Imaginário Amazônico e a Performance: Um estudo da *BodyArt* do Auto do Círio" (2011).

A morte da *escritora-borboleta* carrega simbologias prazerosas e amedrontadas pelo novo. Morre-se para se viver. Vivências no outro, pelo outro, com o outro, alteridade etnocenológica impregnada em todo trabalho de pesquisa na espetacularidade de *corpos-templo* (CARVALHO, 2014), observados pela fresta do casulo morno. No início, o período pupário, sem que eu mesma soubesse que estava nele, trazia conforto alienante, ficava ali, parada, sem que nenhum pensamento me perturbasse, minhas estruturas me bastavam. Entretanto, o tempo se faz aprendizado e as estruturas pensantes mudam, sofrem, transformam-se em outras. Assim sendo, olhar pela fresta é perigoso, corre-se o risco de se apaixonar, encantar-se pelo novo, mundiar-se, encostar-se. E assim aconteceu...

2 A estética borboletária de si

“Transgredir é transcender”
Bonder

Segundo Bachelard “a casa é um verdadeiro cosmos” (1993, p.24), influenciada pelo cosmos e pela troca experienciada no campo, na pesquisa, construí a imagem metodológica que representa esteticamente o fenômeno que pesquiso na Umbanda. Imagem que simboliza o pensamento epistêmico desse trabalho. A representação imagética traz o fenômeno como imagem invaginada (MAFFESOLI, 2012), na temperatura vaginal, marginal, imaginal. Um pensamento transgressor na construção de noções moles de pesquisa (BIÃO, 2009), na busca pela eterna morte aprendiz, na eterna reconstrução da *escritora-borboleta*. Numa transformação, *transinvaginação*, a *Vulgaborboleta*, nome que concebo a esta imagem, traz a vulgaridade, a imoralidade avessa às padronizações, às convenções esmagadoras da liberdade humana:

Imagem 1: *Vulgaborboleta*, transinvaginação de uma atriz-pesquisadora.



Ilustração: Cláudia Palheta.

A *Vulgaborboleta* traz a transitoriedade que lhe concebe como portal, como uma vagina com temperatura fértil para a produção/reprodução epistemológica e artística. Está em processo, gira nos rituais, gira com o corpo dos *corpos-comunidade* e com o corpo da própria *atriz-pesquisadora* que no giro transpira. E na *transpiração*, transgride, transcende, morre e nasce outra. Pela *Vulgaborboleta* se é capaz de observar o instante da morte, de pensamentos enraizados em padrões morais e religiosos para a *transinvaginação* de novas perspectivas, imorais, que na sinestesia do corpo encontra a alma. Nesse portal percebo a estreiteza do casulo, da casa, “[...] quem não se horroriza perde a capacidade de detectar a estreiteza [...]” (BONDER, 1998, p.64), a estreiteza é a capacidade de perceber a alienante zona de conforto da moralidade diante de novas possibilidades, é perceber pelo corpo a sutileza da alma invaginando-se:

É a isso que chamo de *invaginação*. Uma lógica do *regresso*. Um retorno ao ventre, aos sentidos, ao sensível. Um tempo de parada, de certa forma. Isto é, não mais se deixar levar pelo fluxo incessante do progresso e de sua ideologia, o *progressismo*, mas harmonizar-se com os ritmos, quase fisiológicos, da existência. Ritmos que

expressam, segundo Leroi-Gourhan, a *sensibilidade visceral: sono-vigília, digestão-apetite...* [...]. (MAFFESOLI, 2012, p. 59-60).

Regressar pela lógica do sensível, perceber-se no sono-vigília, é o estar dentro da pupa *imaginal*, a estética borboletária de si é a estética desse sensível, do imagético como mote de construções afetivas e epistemológicas, porque tudo é aprendido e pelo aprendido se produz. A *Vulgaborboleta* é a imagem poética/metodológica que apresenta bordas, lábios, intimidade, troca, simbolismo encontrado na rua, no Povo da Rua, como são chamados as Entidades da falange umbandista dos Exus, das Pombagiras, dos Ciganos e dos Malandros, como Dona Rosinha, dos poetas e do feminino como força motriz da pesquisa sobre um corpo transfeminino.

A estética borboletária de si representa o simbolismo de Yansã, simbologia aérea que oscila entre a leveza da brisa e a turbulência da tempestade. Oyá é a orixá de cabeça de Mãe Rosa Luyara, cavalo⁵ de Dona Rosinha Malandra, linhas energéticas que se cruzam no mesmo cavalo. Forças feministas que demarcam suas histórias, desde a mitologia guerreira de Oyá até a resistência política de Mãe Rosa Luyara revelada na fala da própria Entidade Rosinha Malandra, quando a abençoa enquanto filha de santoviada, travesti, trans. Pela *Vulgaborboleta* pupulo novas experiências marginais capazes de revelar informações, conhecimentos e tradições junto à comunidade da Umbanda.

3 O segredo e o espelho

Quando estava em minha pupa, já atordoada pelo que observava pela fresta do casulo, na pesquisa sobre o Candomblé-Ketu, um segredo de família me foi revelado: eu era filha de um Cavalo de Pena Verde⁶. Na época meu pai biológico ainda vivia neste plano espiritual, mas não conseguimos conversar a respeito. O segredo consistia na ocultação, na minha família, do fato de meu pai ter sido umbandista, nunca se falou sobre isso, um grande tabu, fruto da

⁵ Nome dado ao médium que recebe as Entidades na Umbanda.

⁶ Seu Pena Verde é uma Entidade da Umbanda, da Falange dos Caboclos de Pena. É bravo e destemido.

colonização esmagadora do cristianismo católico em minha vida. Nas palavras de minha mãe a sentença era enfática: “Macumba é coisa do diabo”, cresci com essa concepção preconceituosa da religião. O segredo foi revelado a mim por meu irmão, que me contou, em detalhes, sobre Seu Pena Verde na cabeça de meu pai. Esta revelação me encheu de sentimentos afetuosos, curiosidades, apetência. Sim, eu fazia parte dessa história, da ancestralidade umbandista.

O segredo de família embeveceu minha alma e modificou de forma arrebatadora minha imagem. A imagem que construí ao longo dos anos no espelho da minha existência. A imagem nítida, certa, correta, moral, esfacelou-se. O espelho craquelado havia perdido micro estilhaços dessa história, já não conseguia visualizar a imagem da boa moça, há anos construída por mim. Sentimento de incompletude, ansiedade e confusão. Meu casulo estremecia excitado, o espelho craquelado fazia mais sentido do que a nitidez a qual minha antiga imagem se enquadrava. Cito Bião quando me refiro ao teatro, aos fenômenos que estudo, e agora, porque não, a minha própria vida craquelada num espelho: “[...] sentido de olhar, um sentido eminentemente da reflexão, reflexivo, que permite o conhecimento da própria imagem no mundo, como num espelho” (2009, p. 145). E sobre a minha própria imagem no mundo e sobre meu fazer artístico, esse espelho craquelado trouxe a mim os instantes reflexivos, os sentidos, ponto motriz para um recomeço, morte em meu casulo, morte para adentrar em mais uma maravilhosa experiência – a Umbanda.

A partir do espelho craquelado, a metodologia dessa pesquisa sobre os corpos da Umbanda, em especial, o *corpo-cavalo-travestido*, adensou-se ainda mais com o *corpo-afetado* de Umbanda (CARVALHO, 2016, p. 08), fazendo com que eu pensasse em um *Etno-método-afetivo*, ou seja, na construção do pensamento epistemológico baseado no afeto, a partir da minha própria história de vida. A apetência etnocenológica pela qual “A qualidade, simultaneamente essencial e existencial, que justifica o interesse do sujeito em seu objeto e trajeto de pesquisa, sem a qual não se pode construir competência.” (BIÃO, 2009, p. 40), foi o que adquiri a partir do segredo revelado, catarse que vivenciei no momento em que meu espelho se craquelou. A *Vulgaborboleta* também teve seu instante de morte pelo mosaico em que meu espelho se

transformou. Pedacos de mim que agora procuro pelos estilhaços lançados ao vento, pelo tempo:

Imagem 2: As asas mosaicas da *Vulgaborboleta* a partir do espelho craquelado.

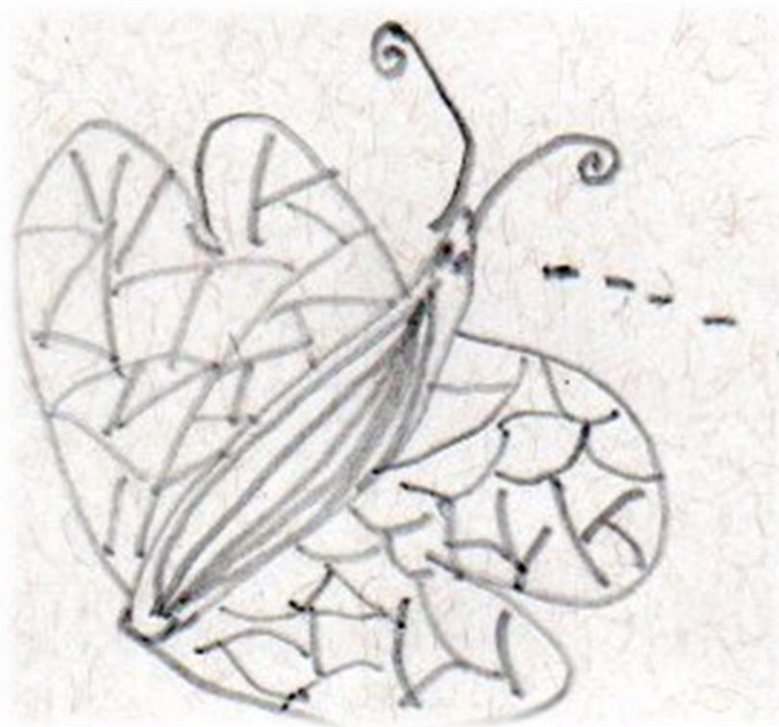


Ilustração: Aninha Moraes.

Minha nova imagem craquelada está sendo assimilada como num “reencantamento’ do mundo” (BIÃO, 2009,p.73), visão mosaical que trilha uma história que me foi negada. Com isso, o *corpo da pesquisa* se redimensiona e o olhar da atriz-pesquisadora passa a ser de dentro, uma reviravolta que só o vento de Oyá é capaz de dar. Deixar de ser de fora para ser acolhida no pertencimento, é reinventar-se. Assim, o pós-segreto necessitou de autorreflexão, tempo para o realinhamento, tempo para sonhar *sono da crisálida* (DURAND, 1989), um sono para a ociosidade, para a produção, para o fazer artístico-epistêmico. A *escritora-borboleta* vive sua pupa nervosa no pós-segreto e se prepara para, após o *sono da crisálida*, nascer na ancestralidade umbandista.

A *Vulgaborboleta* com asas mosaicas anseia por uma experiência ainda mais compartilhada, indissociada, na qual, parte e todo, todo e parte, são uma só imagem. O mosaico traz a peculiaridade que tanto a parte, quanto o

todo, não fazem sentido separados. A parte não tem significado sozinha e o todo é vazio sem a parte, os dois carecem da completude do outro para existir. Assim, escrevo agora, não só sobre o *corpo-cavalo-travestido* de Dona Rosinha Malandra, mas, também, sobre mim e sobre a descoberta de minha ancestralidade no fortalecimento do parte-todo-parte desse mosaico.

Imagem 3: O ócio no sono da crisálida para mais um despertar da *escritora-borboleta*.

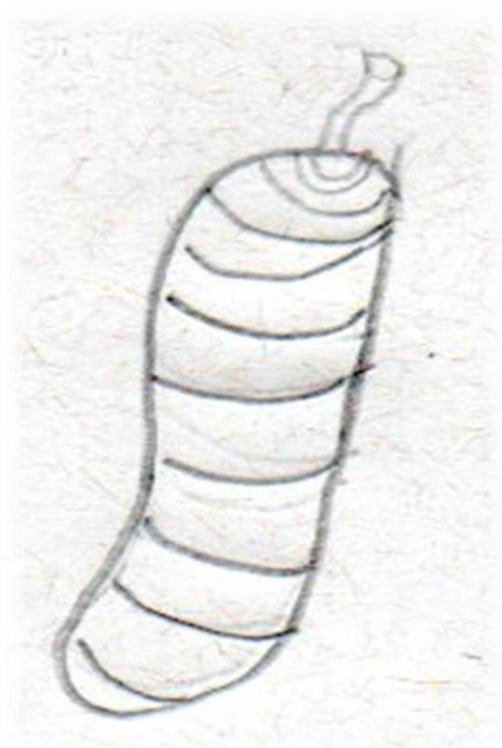


Ilustração: João Hermeto.

Ao despertar no casulo do sono da crisálida, visualizo a imagem de uma mulher estonteante, com uma rosa vermelha no cabelo e que sorri para mim de forma insinuante, atrevida, soltando gargalhadas altas enquanto fala com as pessoas. Como num sonho encontro de forma prazerosa Dona Rosinha Malandra no cavalo de uma mulher transexual que se autodenominava travesti, Rosa Luyara, Mãe de Santo do Terreiro. Na época, a estética dos rituais de Esquerda era intrigante demais para a minha formação quadrática eclesiástica, as primeiras idas aos rituais me deixavam, literalmente, virada, tonta, extasiada e eu sentia medo. A lógica do medo que costuram na nossa pele é de extrema violência, só a experiência epidérmica é capaz de desfazê-la como se fosse um despacho para a liberdade.

4 A relação *imaginal* e a metamorfose da atriz-pesquisadora

Na perspectiva de uma relação *imaginal*, ou seja, imagem-vaginal-marginal, a proposta metodológica da *Vulgaborboleta* recorre a experiência no campo para que eu, *escritora-borboleta*, possa, pela alteridade, refletir epistemologicamente sobre o fenômeno. Assim, giro tonta nas festas da Esquerda umbandista, libertando-me do preconceito, na revolução que as Entidades de Esquerda representam, pela troca, pelo toque perfumado das Pombagiras, pela gargalhada livre da Malandra. Na Casa de Mãe Rosa Luyara, o que predomina é o feminino. Nos cavalos e nas Entidades a força feminina encaminha os trabalhos, direcionando pensamentos e rituais. Duas grandes forças femininas são donas da casa - Dona Herundina, cabocla de pena, brava e flecheira e Dona Rosinha Malandra, razão principal desse estudo.

A festa anual de Dona Rosinha Malandra acontece depois da festa de Exu que tradicionalmente é comemorada dia 24 de agosto, mas não tem uma data específica, baseia-se pela festa de Exu. Digo que a Esquerda umbandista é uma revolução, um movimento giratório, controverso, muitas vezes mal-entendidopor trazer, à tona, valores alijados pela sociedade e codificados como imorais. Entretanto, a Esquerda é a falange do amor e dos relacionamentos, da alegria e do prazer. A representação feminina da Esquerdaé sensual, traz a energia telúrica em suas Entidades e a aversão a falsa moral em suas palavras. Alvo das religiões cristãs, a Esquerda umbandista foi associada ao seu diabo, como coisa do mal, fazendo com que, até hoje, muitos pensem que Exus, Pombagiras, Malandros e Ciganos sejam diabólicos. Sobre a correlação de Exu (aqui englobo todos da Falange), como o diabo cristão, escreveu Ligiéro:

Vou analisar então a figura do exu no candomblé e na umbanda. Embora mostre paralelismo com o simbolismo étnico africano, ele é comumente associado, no Brasil, com a figura do diabo. Exu, no candomblé, é um ponto central da resistência africana no Brasil, enquanto na umbanda a mesma figura absorveu mais os atributos tradicionalmente imputados do diabo católico. (2011, p. 236).

Como cristã dedicada que era, também acreditei que Exu, com seus tridentes, fosse o próprio diabo, só pude mudar essa concepção a partir da

troca experienciada no campo. O corpo da pesquisadora etnocenológica é o mote para as reverberações produzidas a partir das experiências. Eu, atriz-pesquisadora, quando adenso minha vivência na pesquisa, sou, estou e vivo esta pesquisa a partir do tripé epistemológico embebido do *corpo da pesquisa*, do *corpo na pesquisa* e do *corpo como pesquisa* (SANTA BRIGIDA, 2016). Assim, *ser*, *estar* e *viver* são correspondências de uma pesquisa construída de corpo inteiro dentro do fenômeno, potências criadoras como motrizes do trabalho de pesquisa, reverberando noções moles de processos epistêmicos também para a cena. Metodologias como a *Vulgaborboleta* são potencializadas pela composição da outridade de *ser*, *estar* e *viver* a pesquisa, transformando-a do processo do *corpo da pesquisa*, para *corpo como pesquisa*. Todas as fases do tripé epistemológico são de extrema importância para o fortalecimento do estudo, especialmente, para quem pesquisa. Por isso sou essa *escritora-borboleta* em constante transformação, porque o fenômeno é girador, movimenta-se.

Como há uma troca que Bachelard (1993) chama de *Ressonância-repercussão*, a metamorfose da atriz-pesquisadora foi inevitável, fazendo com que a vivência repercutisse de tal forma, que o pensamento filosófico sobre meu corpo, enquanto pesquisadora, já não fosse mais o mesmo. Pelo envolvimento com o fenômeno, estava embriagada pelo perfume do terreiro que entrava em minhas narinas, pela quentura das velas, dos corpos que giravam, pelo som das gargalhadas das Pombagiras, pelas cores vibrantes que meus olhos captavam em meu cérebro. Assim, eu, atriz-pesquisadora, servia a uma nova estética na pesquisa da Esquerda umbandista, uma estética malandra, uma estética livre, uma estética dionisíaca/bacante, uma estética marginal, vaginal, imaginal, tornando-me uma *atriz-pesquisadora-bacante*. E como uma pesquisadora que é essencialmente atriz, trouxe para meu *corpo-cena* a primeira poética sobre as pesquisas, que intitulei *A Rosa que habita em mim*, apresentado no VIII Fórum Bienal de Pesquisa em Artes/PPGARTES/UFGA, em novembro de 2017:

Fotografia 2: A Rosa que habita em mim.



Fonte: Paulo Evander.

A noção de *corpo-cena* que construí na pesquisa de Mestrado sobre a Iniciação no Ketu, propõe uma poética a partir das pesquisas realizadas em campo, trazendo para a cena as nuances vivenciadas pela pesquisadora com seu fenômeno. Portanto, o *corpo-cena* não traz um processo aleatório para cena, ele traz a essência adquirida pela pele da atriz-pesquisadora na experiência, no movimento circular e espiralado do trabalho de campo. Portanto, a *atriz-pesquisadora-bacante* tem como princípio o *ser, estar, viver* e, conseqüentemente, o *sentir* no corpo. “Para as coisas, como para as almas, o mistério reside no interior. Um devaneio de intimidade [...]” (BACHELARD, 1988, p.68), a intimidade adquirida pela vivência no campo permite, pelo *Etno-método-afetivo*, as *reverberações-repercussões* promovidas pela pesquisa, especialmente pelo corpo da *atriz-pesquisadora-bacante*, que se interioriza pelos mistérios da Umbanda.

Minha transformação, enquanto pesquisadora, numa bacante malandra se viabilizou pela estética vivida na comunidade em seus rituais, mas não só, a consciência sócio-política da casa, como força coletiva, foi a condutora da transformação. Essa consciência contraria a invisibilidade do ser, vivida por

muitos dos filhos de santo na sociedade. Chamo de *encruzilhada-desviante* a coletividade democrática, aberta e ancorada no “marginal”, no imoral, no desvio, para a construção de uma comunidade alicerçada na diversidade, especialmente a de gênero. A *encruzilhada-desviante* para a compreensão de uma sociedade mais justa, amorosa e que vê na Umbanda o seu fundamento.

Essa transformação passou por vários processos pupários, mortes nervosas, doces, confusas, mas sempre morrendo para uma nova percepção. Nas idas e vindas etnográficas ao terreiro, momentos únicos foram vivenciados nos ritos, *instantessentidos* pelo conhecimento epidérmico no qual novas epistermes foram possíveis. *Oinstante* é sentido na espetacularidade dos acontecimentos, dos corpos, do momento que se configura em êxtase, seja no silêncio, seja num olhar, numa dança, numa vibração, no transe. A *espetacularidade do instante* marca meu corpo, de pesquisadora, transconfigurado por meu fenômeno de estudo, em um trânsito necessário para o amadurecimento da pesquisa e, de mim mesma, como pesquisadora.

Mãe Rosa Luyara também está em constante transformação, como mulher transgênera e como cavalo de Dona Rosinha Malandra, bem como de Oyá, sua Orixá de cabeça. Mãe Rosa se recolheu a pouco para Oyá, o tempo e a Orixá exigiam sua cabeça. Então, Rosa Luyara recebeu, pela Mina Nagô, a deusa da ventania. Morte doce para Mãe Rosa, saída de um casulo doloroso e demorado, para uma nova vida. A alma siamesa do *corpo-cavalo* de Rosa Luyara vive as transformações necessárias para o presente no santo e segue sua história. Assim, o corpo transfeminino de Luyara se transforma continuamente com sua vida no santo, sendo acolhida, mediada, amada e direcionada por sua Entidade.

Dona Rosinha Malandra repete nas giras, que vive a vida de sua filha no *aqui e agora*, fazendo com que eu perceba que não está alheia aos acontecimentos da vida no plano espiritual de seu cavalo, revelando cumplicidade com ele, ajudando-o a viver neste mundo. A transformação borboletária, pela imagem da *Vulgaborboleta*, é recíproca, uma tríade de afeto entre pesquisadora, Mãe de Santo e Entidade está sendo costurada neste casulo quente, entre risos, gargalhadas, uísques e sangrias. Processos de

mortes e vidas para mudanças necessárias e arrebatadoras que, na *espetacularidade do instante*, vivem a essência interior, a intimidade.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BIÃO, Armindo. A etnocenologia e as artes contemporâneas do corpo na Bahia. *In*: BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.

BIÃO, Armindo. Um léxico para a etnocenologia: proposta preliminar. *In*: BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.

BONDER, Nilton. **A alma imoral**: traição e tradição através dos tempos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CARVALHO, Ana Claudia Moraes de. **Odôlyá** – da espetacularidade do Yle Ase Oba Okuta Ayra Yntyle ao corpo-cena. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

CARVALHO, Ana Claudia Moraes de. Trajetividade do afeto- identificações empoderadas de mim. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 9., nov. 2016, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: ABRACE, 2016.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LIGIERO, Zeca. **Corpo a corpo**: estudo das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna**: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

SANTA BRIGIDA, Miguel. Etnocorpografias dos terreiros afro-amazônicos: imersões metodológicas da etnocenologia. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 9., nov. 2016, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: ABRACE, 2016.